

## Índice Geral

Introdução: pedalar contra o pensamento dominante	11
Parte I — Economia de combate na era das crises	
A finança desregrada na origem da crise mundial	45
A crise na Europa	59
Portugal na era da austeridade	81
Parte II — Economia de combate pelas alternativas	
Estratégias de desenvolvimento económico em Portugal	101
A insustentabilidade da dívida e das opções orçamentais	121
A Europa do nosso descontentamento	133
Parte III — Economia de combate para lá das crises	
Outras Economias	155
O Estado e os mercados	165
O trabalho e as desigualdades	179
Sobre a má utilização de conceitos económicos	193
Parte IV — O combate político para lá da Economia	
Democracia imperfeita	219
Da esquerda e da direita	229
Construindo as alternativas	243
Agradecimentos	271
Índice detalhado	275
Referências bibliográficas	281



## Introdução: pedalar contra o pensamento dominante

Há dez anos dificilmente este livro seria aberto por muitos daqueles que agora o têm nas mãos. A inclusão da palavra “economia” no título seria motivo de desinteresse imediato para a maioria dos potenciais leitores e o exemplar poucas vezes sairia do escaparate. Desde então muita coisa mudou. O que em 2007 parecia ser um problema circunscrito a um segmento do mercado de crédito à habitação nos EUA (os empréstimos *subprime*) transfigurou-se numa crise financeira e económica mundial, seguida de uma crise de financiamento dos Estados nas periferias da UE, de recessões prolongadas nesses países e, mais recentemente, de uma desaceleração ou mesmo inversão do crescimento das economias emergentes. Neste contexto, o interesse pelos temas económicos não parou de aumentar. Inúmeras pessoas que consideravam a economia como um domínio de gestores e financeiros — por outras palavras, um tópico irremediavelmente aborrecido e intelectualmente desprestigiante — começaram a querer perceber as origens e consequências da maior crise mundial dos últimos oitenta anos.

Por coincidência, em 17 de abril de 2007, poucos meses antes de se tornar visível a “crise do *subprime*”, foi lançado o blogue *Ladrões de Bicicletas*<sup>1</sup>, de onde foram retirados os textos que compõem este livro. Desde a sua criação foram aí publicadas muitas centenas de *posts* por cerca de duas dezenas de autores, refletindo sobre a evolu-

1 <http://ladroesdebicicletas.blogspot.pt/>.

ção das economias e sobre as opções de política a partir de um olhar crítico sobre as ideias económicas dominantes. Inspirados por um conhecido filme neorrealista italiano que deu o nome ao blogue<sup>2</sup>, os fundadores apresentavam assim o novo projeto no seu *post* inaugural: *Não somos cineastas, mas economistas. Acreditamos que a economia, como o cinema, pode ser um “desporto de combate”*.<sup>3 4</sup>

Sendo um entusiasta do mesmo desporto, juntei-me ao *Ladrões de Bicicletas* cerca de uma semana após o seu lançamento, na sequência do generoso convite que me foi dirigido pelos fundadores. A partir desse momento, este projeto coletivo foi o principal meio através do qual acompanhei e comentei os desenvolvimentos económicos, e me apercebi da curiosidade de leitores improváveis por estes temas.

Para mim, o *Ladrões de Bicicletas* representou sempre muito mais do que uma mera plataforma para difusão de ideias. Dada a qualidade intelectual dos autores, tem sido acima de tudo um espaço de inspiração e de aprendizagem. Foi também um elemento essencial para me ajudar a recuperar de uma das experiências mais traumáticas por que passei na minha longa carreira de estudante: a realização do doutoramento em Economia numa das universidades europeias mais destacadas do pensamento económico dominante.

Cheguei à Universidade Bocconi (Milão, Itália) em setembro de 2002, atraído pelo país e pela sua cultura, certamente, mas também pela reputação da instituição e por um pequeno grupo de investigação em Economia da Inovação<sup>5</sup> que ali residia. Em breve percebi que a instituição merecia a reputação de que gozava: nela encontrei professores e investigadores dotados de qualidades analíticas invulgares, muitos dos quais contribuíam para o avanço da ciência econó-

2 *Ladri di biciclette* (no original), filme de 1948, realizado por Vittorio De Sica.

3 O *post* inaugural é assinado pelos quatro fundadores do blogue, os economistas João Rodrigues, Nuno Teles, Pedro Nuno Santos e José Guilherme Gusmão. O texto integral pode ser lido em <http://ladroesdebicicletas.blogspot.pt/2007/04/os-dilemas-trgicos-que-os-indivduos-tm.html>.

4 A expressão que dá o nome ao presente livro constitui, na verdade, um roubo duplo: antes de surgir no *post* inaugural do blogue *Ladrões de Bicicletas*, uma expressão semelhante havia sido utilizada por Pierre Bourdieu no documentário *La sociologie est un sport de combat*, de 2001.

5 Área em que fiz os meus estudos de mestrado.

mica dominante através das suas publicações em revistas científicas internacionais de topo. Dentro dos *standards* estabelecidos, aquela era de facto uma boa escola. Creio que foi aí que verdadeiramente percebi que algo de profundamente errado existia nos *standards* por que se rege a ciência económica convencional na atualidade.

Posto em termos simples: com poucas exceções, os meus professores de doutoramento revelavam com frequência uma ignorância embaraçante. À semelhança dos mestres do Jogo das Contas de Vidro do livro de Hermann Hesse<sup>6</sup>, as suas competências cognitivas, o seu domínio magistral sobre os instrumentos e as técnicas da ciência económica moderna, eram proporcionais ao seu desconhecimento do mundo exterior às suas construções mentais. Desde logo, ignoravam os contributos de alguns dos maiores pensadores económicos de todos os tempos, bem como a quase totalidade do trabalho que era feito por economistas contemporâneos fora da corrente dominante. Mas não só: a sua ignorância estendia-se, em muitos casos, à história política e económica dos países que frequentemente analisavam através dos seus modelos estatísticos. Abrangia também as complexidades institucionais envolvidas nos processos que procuravam “explicar” através dos seus modelos teóricos. Tal como Magister Ludi, o supremo Mestre do Jogo das Contas de Vidro do romance de Hermann Hesse, a sua sabedoria de elite revelava-se muitas vezes irrelevante para a compreensão do mundo secular. Pior ainda, a sua disponibilidade para considerar formas de análise distintas das convencionais era próxima de nula. A experiência não poderia ter sido mais frustrante para quem sempre imaginara o doutoramento em Economia como um período de profundo enriquecimento pessoal e intelectual<sup>7</sup>.

6 Hermann Hesse, *O Jogo das Contas de Vidro*, Dom Quixote.

7 Alguns anos mais tarde o nome da instituição ficaria associado aos “Bocconi boys”, epíteto atribuído a um conjunto de economistas da universidade milanesa que defenderam ativamente a tese da “austeridade expansionista”. Segundo esta tese, a prossecução de uma política orçamental restritiva em plena recessão contribuiria para a recuperação de economias fortemente endividadas, uma vez que isso daria confiança aos investidores sobre a trajetória futura da economia em causa. Os trabalhos dos “Bocconi boys” foram usados como justificação para a estratégia de austeridade prosseguida na UE a partir de 2010, com resultados pouco abonatórios para os seus autores. Sobre isto ver: Blyth (2013).

Por contraste, o blogue *Ladrões de Bicicletas*, onde comecei a escrever um ano após ter concluído o doutoramento, foi desde o início um espaço estimulante de debate, de abertura para novas linhas de investigação e até, em algumas ocasiões, de produção de conhecimento original. À medida que a crise mundial se aprofundava e se instalava em Portugal com uma violência inaudita, os textos do blogue passaram a centrar-se cada vez mais na análise crítica das estratégias global, europeia e nacional para lidar com os desafios macroeconómicos presentes. Neste sentido, fazer da Economia um “desporto de combate” tornou-se um dever de consciência. Mas foi também um modo eficaz de devolver o sentido ao estudo das economias e da ciência económica.

Este livro dá conta desse percurso, reunindo uma seleção de textos que publiquei no *Ladrões de Bicicletas* entre abril de 2007 e dezembro de 2015. Tratando-se de textos destinados a um blogue, a sua dimensão não permite aprofundar os temas tratados, nem é esse o seu propósito. As entradas de um blogue como o *Ladrões de Bicicletas* visam fundamentalmente enfatizar aspetos peculiares das discussões em curso — questionando aspetos específicos da argumentação, apresentando dados que sugerem interpretações distintas das habituais, ou lançando pistas para reflexão.

Faz parte das regras de estilo do blogue assegurar que os *posts* são acessíveis a leitores sem formação específica em Economia. Ainda assim, a leitura dos textos pode beneficiar de um enquadramento mais aprofundado dos temas em causa. Tendo isto em consideração, as secções que se seguem neste capítulo introdutório apresentam, de forma sucinta, um quadro de análise abrangente de alguns temas centrais abordados neste livro, incluindo: os processos de globalização e de financeirização contemporâneos; a tendência para o aumento das desigualdades e da instabilidade económica; a agenda conservadora inscrita nos Tratados e nas políticas da UE; e a propensão da ciência económica dominante para minorizar todas estas questões e ignorar contributos essenciais das heterodoxias. Começamos por esta última.